



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**

**CENTRO DE CIÊNCIAS**

**DEPARTAMENTO DE BIOLOGIA**

**CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

**RAFAELA DE SOUSA LIBERATO**

**SOU PROFESSOR E AGORA?**

**UMA ANÁLISE DAS PRIMEIRAS AÇÕES NA ESCOLA**

**FORTALEZA**

**2018**

RAFAELA DE SOUSA LIBERATO

SOU PROFESSOR E AGORA? UMA ANÁLISE DAS PRIMEIRAS AÇÕES NA ESCOLA

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à Coordenação do Curso de Ciências Biológicas, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do grau de Graduado em Licenciatura em Ciências Biológicas.

Área de concentração: Formação de professores

Orientador: Prof.<sup>a</sup> Dr. José Roberto Feitosa Silva

FORTALEZA

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca Universitária  
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

- L666s Liberato, Rafaela de Sousa.  
Sou professor e agora? Uma análise das primeiras ações na escola / Rafaela de Sousa Liberato. – 2018.  
31 f.
- Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências,  
Curso de Ciências Biológicas, Fortaleza, 2018.  
Orientação: Prof. Dr. José Roberto Feitosa Silva.

1. Professor iniciante. 2. Ciclo de vida dos professores. 3. Início da docência. I. Título.

CDD 570

---

RAFAELA DE SOUSA LIBERATO

SOU PROFESSOR E AGORA? UMA ANÁLISE DAS PRIMEIRAS AÇÕES NA ESCOLA

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à Coordenação do Curso de Ciências Biológicas, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do grau de Graduado em Licenciatura em Ciências Biológicas.

Aprovada em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_.

BANCA EXAMINADORA

---

Profa. Me. Maria Alina Oliveira Alencar de Araújo  
Secretaria de Educação do Estado do Ceará (SEDUC)

---

Prof. Dr. Raphael Alves Feitosa  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dr. José Roberto Feitosa Silva (Orientador)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais e a todos os meus antepassados que tornaram possível a minha existência, hoje tenho consciência de que eles foram fundamentais e tenho por eles profundo sentimento de gratidão.

Em especial ao meu pai Izaias e minha mãe Rejane por todo apoio e incentivo nos caminhos que escolhi percorrer. Vocês são pais excelentes e sempre estiveram ao meu lado. Sou privilegiada por ter todo o cuidado e atenção de vocês no meu dia a dia.

Ao meu irmão Paulo Cesar, tia Regia e primo Alex pelos momentos compartilhados em família, os meus finais de semana foram mais leves e alegres com as besteiras de vocês.

Ao Prof. Dr. Roberto Feitosa, que foi meu orientador nesses últimos meses. Obrigada pela paciência e inúmeras explicações nos momentos de dificuldade.

Aos meus colegas de turma do grupo besteiras que me acompanharam nessa longa caminhada e rotina na UFC, vocês foram fundamentais para que eu conseguisse me formar, agradeço de todo o coração pelos momentos compartilhados nos trabalhos, apresentações, disciplinas, aulas de campo, ônibus lotados, e até mesmo o olhar de apoio nos meus “raros atrasos” em sala de aula.

Nos momentos de tristeza, alegria e decepções agradeço especialmente a Amanda e Marcos que foram meus primeiros amigos na UFC.

A Marília, Carlito e Guilherme nos trabalhos mais difíceis do curso, sem vocês não teria conseguido. David meu companheiro nos estágios da licenciatura e a nossa música dramática do Beethoven Fur Elise, sempre lembrarei da nossa trilha sonora dos estágios.

A Naele , Andressa e Ediane nos grupos de estudo de matemática, a companhia, apoio e troca de conhecimentos foi essencial.

A paulinha minha amiga de infância que me acompanhou em muitas histórias e esteve presente me incentivando nesse trabalho.

A Virgínia que me acompanhou nos momentos de lazer na natação, no forró, nas festas e ouvia minhas lamentações sobre o trabalho.

Ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), que me proporcionou experiências interessantes quase no final do curso, e que com certeza servirão de reflexão para o início da minha carreira como docente.

Aos meus amigos de longa data do antigo CEFET que me acompanharam em outra graduação e após a mudança de curso. Com vocês vivi a primeira experiência no mundo acadêmico, e recordarei sempre com muito carinho de todas as nossas histórias, não foram poucas, hein? Especialmente Máyra, Paulo, Danúbio, Andreia e Rafinha.

Aos meus amigos da época do cursinho que foram fundamentais no período de batalha por uma vaga na universidade. Em muitos momentos pensamos em desistir, mas com a amizade conseguimos ir mais longe. Obrigada Aline, Érison, Elane, e Nayane.

As minhas amigas do evolutivo Lya e Verônica que resistiram aos intempéries do tempo e ainda mantém contato comigo nos encontros anuais e em conversas virtuais.

A todos do Departamento de Biologia, professores e servidores, que estiveram presentes de alguma forma contribuindo com a minha formação.

A todos do grupo de Budismo que me trouxe serenidade em momentos decisivos.

Por último agradeço a Liga Acadêmica de Cuidado Espiritual em Saúde (LACES) pela oportunidade de vivenciar experiências e adquirir conhecimentos que nunca imaginei ter durante a graduação. Muito obrigada em especial ao Prof Dr. Michell Ângelo, e aos amigos do Reiki Stephanie, Douglas, Ariadne e Ivanise.

## RESUMO

O início da carreira é sempre um período de muito aprendizado e impacto na postura dos professores. Na docência passamos por um período de transição entre a postura de aluno e professor, um vir a ser que é construído na prática. Na presente pesquisa, foram realizadas entrevistas semiestruturadas para compreender as perspectivas das primeiras ações dos recém graduados do Curso de Ciências Biológicas da UFC (Universidade Federal do Ceará). O ciclo de vida profissional do professor foi descrito por Huberman, e a amostra selecionada para o estudo dos professores encontra-se na primeira fase descrita pelo autor, a fase de Entrada. Ao comparar dentro dessa fase os estágios de “sobrevivência” e “descoberta” no início da carreira podemos refletir sobre suas dificuldades e expectativas. Nas entrevistas os dados obtidos foram categorizados com base na pesquisa de Gonçalves, e a partir disso, foram encontradas percepções nesse início de carreira. E, diante dos resultados, surgiu a preocupação em focar atenção nos aspectos que mantêm o docente na carreira, apesar dos inúmeros desafios vivenciados.

**Palavras-chave:** Professor iniciante, ciclo de vida dos professores, início da docência

## ABSTRACT

The beginning of a career is always a period of learning and impact on the teachers' professional attitude. In teaching experience we go through a period of transition between the student attitude and the professor attitude, a change that is built in practice. In this research, we conducted semi-structured interviews to recent college graduates in Biological Sciences at UFC (Federal University of Ceará), to understand their prospects of first actions as graduate professionals. Huberman describes the life cycle of the teacher; the selected sample used for this study on teachers can be found in the first stage described by the author, the Entry stage. When comparing within this stage the phases of "survival" and "discovery" in the beginning of their career, we can reflect upon their difficulties and expectations. The data obtained from the interviews were categorized according to the research made by Gonçalves, and from that, perceptions about this career beginning were made. In the face of the results, a concern was raised about the necessity of an attention that has to be focused on the aspects that maintains the professors in their career, despite the countless challenges experienced.

**Keywords:** beginner teacher; life cycle of the teachers, teaching beginning.



## SUMÁRIO

<b>1.</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>2.</b>	<b>A FASE DE ENTRADA NA CARREIRA DOCENTE .....</b>	<b>10</b>
<b>2.1.</b>	<b>Pesquisas sobre a carreira docente, e o professor iniciante.....</b>	<b>10</b>
<b>3.</b>	<b>METODOLOGIA DA PESQUISA.....</b>	<b>12</b>
<b>3.1.</b>	<b>O grupo investigado.....</b>	<b>12</b>
<b>3.2.</b>	<b>Procedimento utilizado.....</b>	<b>12</b>
<b>3.3.</b>	<b>O roteiro da entrevista.....</b>	<b>13</b>
<b>3.4.</b>	<b>As entrevistas e os fatores de sobrevivência e descoberta.....</b>	<b>13</b>
<b>4.</b>	<b>RESULTADOS E DISCUSSÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>4.1.</b>	<b>Os fatores analisados no estágio de “descoberta” .....</b>	<b>14</b>
<b>4.2.</b>	<b>Os fatores analisados no estágio de “sobrevivência” .....</b>	<b>18</b>
<b>5.</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>25</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>27</b>
	<b>APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO .....</b>	<b>29</b>
	<b>APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO... </b>	<b>30</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Nos cursos de formação de professores, temos os estágios supervisionados que proporcionam, geralmente, o primeiro contato do futuro professor com seu espaço de atuação profissional, e oferecem a possibilidade de vivenciar situações que possam ocorrer também na sua vida profissional.

Recordando minhas experiências nos estágios lembro do enorme sentimento de expectativa e ansiedade que me envolveram no primeiro contato como estagiária na escola, desde o diálogo inicial com o porteiro, a direção e o professor até o momento de regência de aulas com a turma. Em muitos momentos me preocupava com o que poderia acontecer e se conseguiria realizar as atividades do estágio, a timidez, o nervosismo e a insegurança me acompanhavam sempre que surgiam situações diferentes com a turma.

Agora que estou no final da minha trajetória na graduação surgiu em mim uma inquietação sobre o que virá depois de formada. Como será o início da carreira? Que situações me aguardam? Tenho muitas expectativas e questionamentos sobre a docência.

Alguns autores, tais como: Lima (2006), Behrens (1996), Tardif (2002), Huberman (1992), Gonçalves (1992) e Nóvoa (1992) têm desenvolvido estudos acerca da docência, e se referem ao início de carreira como um momento de transição e bastante aprendizado. E que para os recém graduados nos cursos de licenciatura o início da profissão é sempre um período de adaptação entre a posição de aluno e a de professor.

Segundo Lima (2006) os jovens professores passam do estado de estudante para o de professor, e esse período é caracterizado por bastante aprendizado e conflitos pessoais.

Para Behrens (1996, p. 126) a iniciação profissional do professor é recheada de aventura, encontros, desencontros, angústias e sucessos. “[...] o professor no seu primeiro ano de docência, transita entre o papel de aluno para o papel de profissional, de estudante para professor. Este processo caracteriza-se por um momento de grande aprendizagem. No confronto com a realidade, a aprendizagem se dá com os alunos, na metodologia de ensaio e erro.”

Na visão do autor:

[...] é no início da carreira (de 1 a 5 anos) que os professores acumulam, ao que parece, sua experiência fundamental. A aprendizagem rápida tem valor de confirmação: mergulhados na prática, tendo que aprender fazendo, os professores devem provar a si próprios e aos outros que são capazes de ensinar. A experiência fundamental tende a se transformar, em seguida, numa maneira pessoal de ensinar, em macetes da profissão, em habitus, em traços da personalidade profissional. (TARDIF, 2002, p.51).

Huberman (1992) em seu estudo sobre o ciclo de vida dos professores o estruturou nas seguintes fases: Entrada, Estabilização, Diversificação, Pôr-se em questão, Serenidade e Distanciamento afetivo, Conservantismo e Lamentações e Desinvestimento.

O autor coloca como fase inicial do ciclo, a fase de “Entrada” que corresponde aos dois ou três primeiros anos de docência, caracterizando-se por um estágio de “sobrevivência” e “descoberta”.

Esse estágio de “sobrevivência” evidencia o “choque do real” que define a situação de impacto inicial com a realidade profissional. Nesse período, segundo o autor, o professor precisa confrontar-se com a complexidade da profissão que exige preocupação com a sua postura de docente. Surgem questionamentos sobre sua relação com os alunos e as dificuldades que criam, preocupações com a transmissão do conhecimento ou o material didático inadequado.

Em simultâneo a “sobrevivência” temos a “descoberta” que é responsável pelos aspectos que motivam o docente a permanecer na profissão, quais sejam: o entusiasmo inicial pela docência, a fase de experimentação, a situação de responsabilidade com o status de ter a sua sala, seus alunos e seu programa de ensino.

É nessa fase de “Entrada” que surgem os questionamentos sobre a distância entre o que se idealizou e a realidade encontrada na sala de aula. Além disso, os acontecimentos de “sobrevivência” e “descoberta” vivenciados pelo docente são importantes para estruturar a postura desse professor em suas ações futuras.

Mas como saber o que pode acontecer com o professor? É possível refletir sobre isso a partir das vivências desta fase inicial da docência? Será que só há dificuldades? E os sonhos?

Diante desses questionamentos surgiu a ideia de pesquisar as primeiras ações desses docentes a fim de compreender as dificuldades de um professor iniciante. Portanto, como estudante de um curso de Ciências Biológicas e futura docente de Ciências e Biologia, objetivo com a presente pesquisa: identificar as percepções de professores de Biologia em início de carreira, suas primeiras impressões e atitudes nessa fase.

Pois como coloca Freire (2017, p. 40) “[...] na formação permanente dos professores, o momento fundamental é da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática.”

## 2. A FASE DE ENTRADA NA CARREIRA DOCENTE

Como citado anteriormente, o início da carreira docente é caracterizado por um estado de “Sobrevivência” e “Descoberta” que pode perdurar até os 03 anos de docência (Huberman,1992) ou até os 05 primeiros anos (Tardif,2002).

Para Huberman (1992) os aspectos de “sobrevivência” e “descoberta” acontecem de forma simultânea; porém, em alguns professores iniciantes, pode haver o predomínio de um desses aspectos (a sobrevivência ou a descoberta). Outros também podem apresentar características como a indiferença ou o “quanto-pior-melhor” (aqueles que não gostam da profissão ou estão lá provisoriamente), a serenidade (aqueles que tem muita experiência) e a frustração (aqueles que se apresentam com muitas queixas sobre a profissão ).

Nesse início da profissão ocorrem etapas de “exploração” e “estabilização”. A “exploração” é caracterizada pela investigação das possibilidades da profissão, que depende da curiosidade do docente em experimentar situações diferentes (mudança de escola, de turmas e de atividades propostas em sala). Caso a profissão seja vista pelo docente como problemática, em que há mais aspectos negativos do que positivos, pode ocorrer o afastamento da profissão ou a permanência a contragosto. Já a fase de “estabilização” começa quando o docente consegue perceber mais aspectos positivos do que negativos nessa fase inicial, e então, ele passa a investir no seu desenvolvimento profissional. Mas a percepção do docente sobre suas primeiras ações é importante nessa decisão. Huberman considera que:

A exploração consiste em fazer uma opção provisória, em proceder a uma investigação dos contornos da profissão, experimentando um ou mais papéis. Se esta for globalmente positiva, passa-se a uma fase de “estabilização”, ou de compromisso, na qual as pessoas centram sua atenção no domínio das diversas características do trabalho, na procura de um setor de focalização ou de especialização, na aquisição de um caderno de encargos e de condições de trabalho satisfatórias e, em vários casos, na tentativa de desempenhar papéis e responsabilidades de maior importância ou prestígio, ou mais lucrativas. (Huberman,1992, p. 37)

### 2.1. Pesquisas sobre a carreira docente, e o professor iniciante.

Gonçalves (1992), entrevistando professores em início de carreira, caracterizou percursos profissionais das carreiras dos professores: **os piores anos, os melhores anos, momentos de crise, momentos de ruptura, idade crítica, importância da formação, motivação e etapas da carreira.**

Segundo o mesmo trabalho, em relação ao professor iniciante, quando os fatores de descoberta se sobrepõem as angústias do enfrentamento da realidade, temos os melhores anos da carreira. As razões apontadas para a ocorrência dos melhores anos foram: **a motivação profissional, a formação, os bons alunos e colaboração escola/família**. O quadro 1 mostra os fatores de descoberta e a sua descrição.

**Quadro 1 – Fatores de descoberta**

Motivação profissional	Sentimento de realização profissional, segurança na atividade desenvolvida e bons resultados.
Formação	Ter de modo significativo a aprendizagem com os colegas.
Bons alunos	Ter bom aproveitamento e ou bom comportamento
Colaboração escola/família	Interesse das famílias pela vida escolar dos alunos e as boas relações escola/família ou pais.

Fonte: dados da pesquisa de Gonçalves (1992)

Em contrapartida, os piores anos da carreira podem acontecer por sentimentos de angústia e frustração comuns entre os professores iniciantes, face ao problema do controle da disciplina, que para eles assume extrema importância. As razões para a ocorrência dos piores anos foram: **a colocação, os alunos difíceis, o meio socioeconômico dos alunos, a vida particular, as condições de trabalho e a formação**. O quadro 2 mostra os fatores de sobrevivência e a sua descrição.

**Quadro 2 – Fatores de sobrevivência**

Colocação	O afastamento da família, residência, dificuldade de transporte e situações de isolamento.
Alunos difíceis	As dificuldades de aprendizagem e o mau comportamento.

Meio socioeconômico	A origem dos alunos considerados como muito carentes, a falta de interesse dos pais e dificuldades próprias de moradia.
Vida particular	A gravidez, ter filhos e problemas de saúde.
Condições de trabalho	Excessivo número de alunos, escolas sem condições mínimas e falta de material.
Ausência de formação	Falta de apoio pedagógico.

Fonte: dados da pesquisa de Gonçalves (1992)

### 3. METODOLOGIA DA PESQUISA

Esta pesquisa foi realizada com recém graduados do curso de Ciências Biológicas que ensinam em escolas públicas ou particulares em Fortaleza – CE. O atual estudo consistiu-se de uma abordagem qualitativa de estudo de caso que utilizou como ferramenta a elaboração e aplicação de uma entrevista semiestruturada com perguntas abertas, em que os entrevistados tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação (MINAYO) e fica-se com uma maior probabilidade de se obter dados comparáveis entre vários sujeitos (BOGDAN, 1991).

#### 3.1. O grupo investigado

Participaram da pesquisa seis professores recém graduados da Universidade Federal do Ceará do curso de Ciências Biológicas modalidade Licenciatura, que estavam no início de carreira, e que conforme o ciclo de vida dos professores corresponde até os 2-3 primeiros anos de ensino. No caso dos professores entrevistados, a maioria leciona no ensino público e um dos professores no ensino particular. Dos seis professores entrevistados cinco ensinam no ensino fundamental e uma das professoras leciona na educação infantil.

#### 3.2. Procedimento utilizado

Antes de aplicar a entrevista (Apêndice A) foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice B), documento que manifesta a total concordância em participar voluntariamente da pesquisa e que assegura quanto ao total sigilo e

anonimato do participante. Após a explicação sobre a natureza desta pesquisa, a entrevista foi realizada de forma individual e para garantir registro fidedigno dos dados obtidos a mesma foi gravada (MINAYO).

### **3.3. O roteiro da entrevista**

As questões da entrevista foram direcionadas a partir do ciclo de vida dos professores descrito por Huberman (1992) especificamente na fase de entrada que corresponde ao início de carreira, ou seja, foram feitos questionamentos com objetivo de investigar como estava acontecendo as fases de “sobrevivência” e “descoberta” dos docentes entrevistados. Porém durante o processo de entrevistas para compreender as ações e impressões desses docentes as respostas foram analisadas e categorizadas com base nos estudos de Gonçalves (1992).

### **3.4. As entrevistas e os fatores de descoberta e de sobrevivência.**

Como explanado anteriormente o estágio de “sobrevivência” é caracterizado por todos os fatores de dificuldade que o docente tem de gerir no início de carreira, enquanto que no estágio de “descoberta” temos todos os fatores que motivam o docente no início da carreira. Para organizar esses fatores de “sobrevivência” e “descoberta” em categorias e analisar as entrevistas foi determinado como base a pesquisa de Gonçalves (1992). As categorias analisadas no estágio de “descoberta” das entrevistas foram: **a motivação profissional, a formação, os bons alunos e colaboração escola/família.** E as categorias analisadas no estágio de “sobrevivência” das entrevistas foram: **a colocação, os alunos difíceis, o meio socioeconômico dos alunos, a vida particular, as condições de trabalho e a formação.**

## **4. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Os resultados deste estudo foram divididos em categorias que podem ser vivenciadas nos estágios de “sobrevivência” e “descoberta”. Para que os entrevistados não fossem identificados, foram atribuídos uma letra e números aos professores (P-1, P-2, P-3, P-4, P-5 e P-6) durante a citação no presente trabalho. Apenas o professor P-6 leciona no ensino particular, o restante dos professores leciona no ensino público. A professora P-5 leciona na

educação infantil, e os outros no ensino fundamental. As respostas dos professores foram transcritas de forma idêntica as falas das entrevistas.

Como o roteiro das entrevistas foi estruturado com base no ciclo de vida dos professores de Huberman (1992) e os fatores analisados nas entrevistas foram baseados nos estudos de Gonçalves (1992), alguns fatores como: **colaboração escola/família, colocação e vida particular**, não foram encontrados na pesquisa, mas a falta desses relatos pode estar relacionada a ausência de questionamentos adequados na entrevista.

#### 4.1. Os fatores analisados no estágio de “descoberta”

##### Sobre o fator **motivação profissional**

Quando questionados sobre o estímulo para seguir na carreira docente.

Professor P-1 *“Eu me motivo mais por eu ter feito esse curso e tá querendo continuar nessa área sabe? Eu acho muito importante, eu queria realmente ser uma professora que atingisse os alunos.”*

Professor P-2 *“A única coisa que me motiva é transformar a vida dos alunos que querem, é conseguir passar o conhecimento.”*

Professor P-3 *“Só estabilidade, a falsa estabilidade que a gente tem de ter um emprego.”*

Professor P-4 *“Bom porque querendo ou não quando eu vejo que eles aprenderam 1% dos 100% que eu dei, eu fico feliz, fico feliz com isso, e eu tenho um carinho por eles querendo ou não, eu me importo com eles, mas só que eu vejo que o meu me importar me atinge, por que eu vejo que não sou uma super mulher, não sou uma super professora pra poder dar conta de tantas necessidades que esses alunos tem, mas o que me faz ainda continuar é ver que ainda posso tá ajudando alguns deles, algumas dessas mentes ainda em formação pra isso, e também por motivo que eu acabei de terminar a graduação e é o emprego que eu arranjei.”*

Professor P-5 *“Ser professor é difícil, cansativo e a pior parte é não ver o reconhecimento do nosso trabalho. Apesar disso, fico muito feliz em estar tendo a oportunidade de trabalhar, de ter minha turminha e de ver diariamente sua evolução.”*

Professor P-6 *“Quando eu consigo fazer em algum momento eles se relacionarem com aquilo que eu estou tentando ensinar. Quando eles se veem no assunto é o momento que eu fico mais contente.”*



**Tabela 1 – Fator motivação**

Professor	Motivação
P-1	Influenciar a vida dos alunos.
P-2	Transformar a vida dos alunos.
P-3	Estabilidade financeira.
P-4	Contribuir com a formação dos alunos.
P-5	Perceber a evolução da turma.
P-6	Construir o aprendizado com os alunos.

Pelos relatos das entrevistas a *motivação profissional* da maioria dos professores foi encontrada na relação de aprendizado que constroem com os alunos. Em quase todas as falas os professores mencionam sobre o aspecto de contribuir com a vida dos alunos por meio do ensino, de perceber que os alunos estão progredindo, mas o professor P-3 relatou que sua motivação é apenas a estabilidade do emprego.

Diante dos relatos dos professores podemos ver que a principal motivação da maioria desses professores é contribuir para formação dos alunos, ou seja, desenvolver uma atividade profissional socialmente útil.

Estudos desenvolvidos em vários contextos de formação de professores indicam que as razões mais apontadas para a escolha da profissão estão relacionadas com o exercício da criatividade, o gosto em trabalhar com os mais novos e o desejo de desenvolver uma atividade profissional socialmente útil. Hayes et al. (1990 *apud* ALVES et al., 2004, p.4)

Sobre o fator **formação** nas relações profissionais no cotidiano

Quando questionados sobre a relação com os colegas de trabalho

Professor P-1 *“Então a gente conversava sobre as turmas e as vezes uma postura que o professor tava fazendo que não tava dando muito certo a gente falava... A gente chegou até a conversar também uma vez sobre fazer uma aula interdisciplinar, né? Biologia, química.”*

Professor P-2 *“No início do meu trabalho os meus colegas eram um pouco distantes porque não tinha aproximação, com o tempo a gente foi trocando experiências, comentários sobre o cotidiano na escola e eu fui me sentindo mais acolhida.”*

Professor P-3 *“[...]de vez em quando, você faz uma pergunta pra um colega de trabalho, ele te responde, ele vê uma coisa acontecendo, ele te aconselha.”*

Professor P-4 *“Então com meus colegas de trabalho a minha relação é aquela bem de coleguismo mesmo né... A diretora e o coordenador deram bastante apoio no começo e tudo.”*

Professor P-5 *“Por ser uma escola grande, temos uma equipe com quem trabalho diariamente, mas mal tenho contato com o restante das pessoas, outros professores. Dentro da minha equipe, tenho uma relação muito boa. Já tenho amigas que pretendo levar pelo resto da vida.”*

Professor P-6 *“Reunião de planejamento é calendário, ela chega e diz: eu quero isso nesse dia, e isso nesse dia, e isso nesse dia, pronto, durante 3 horas, e isso é ruim, eu falei na reunião de planejamento a gente precisa pensar no planejamento formas de poder escutar os alunos, compreendê-los porque a cabeça deles são diferentes, eles são de outra época, eles vivem outras coisas, eles vivem outras relações. E o que foi que a coordenação falou? Ela aceitou. Colocou as caixas, claro, teve as cobranças, eu quero falar sobre respeito e valores.”*

**Tabela 2 – Fator formação**

Professor	Formação
P-1	Conversas sobre a postura do professor.
P-2	Troca de experiências sobre o cotidiano na escola.
P-3	Conversas e conselhos com os colegas.
P-4	Apoio do núcleo gestor e coleguismo.
P-5	Trabalho em equipe.
P-6	Reuniões de planejamento.

Pelos relatos dos docentes o fator *formação* aconteceu na forma de diálogos informais com outros professores, porém o professor P-6 participou de uma reunião e conseguiu contribuir para o planejamento de uma atividade que visava compreender melhor os alunos da escola. Para Behrens (1996) a essência da formação continuada é uma construção coletiva do saber e a discussão crítica reflexiva do saber fazer. Os docentes precisam estar com vontade de mudar, sensibilizados pela necessidade de transformar a ação docente. Quando o professor P-6 propôs uma atividade para compreender melhor as necessidades dos alunos, ele contribuiu para uma ação coletiva naquela escola, e que pode vir a trazer discussões reflexivas e mudanças na escola.

Sobre o fator **bons alunos**:

Quando questionados sobre a relação com os alunos

Professor P-1 *“Eles também são muito amáveis, eu não posso deixar de falar isso[...] teve uma vez que eu tava no ponto do ônibus e o aluno disse: Tia, tia, a senhora tá ó no meu coração, muito obrigada por acreditar na gente.”*

Professor P-2 *“Depende da sala, depende dos alunos, com alguns eles são mais respeitosos, então você pede eles fazem, outros você pede eles te contestam te respondem de maneira agressiva.”*

Professor P-3 *“Alguns alunos é bom, assim eles gostam e tal, tenho uma relação mais próxima mesmo de quase amizade mesmo já que eu sou bem mais nova, tenho cara de ser bem mais nova, então é aquela coisa eles me chamam pelo nome, não me chamam de tia, não me chamam de senhora nem nada, mas tem outros que já é totalmente o contrário, já são aqueles que dão trabalho, então não tem nem como você tentar uma amizade com eles. Então é bem mais duro mesmo, tentar ser autoritária, ter autoridade.”*

Professor P-4 *“[...]sempre tem aquela parcela de alunos que querem alguma coisa, então, eu tento ser uma facilitadora pra eles do assunto de Ciências porque eu vejo que quem quer alguma coisa tá lá se esforçando.”*

Professor P-5 *“Por serem crianças minha relação precisa ser antes de mais nada muito afetiva. Preciso passar segurança o tempo todo para eles. Então, tento sempre ter um cuidado físico e também emocional. Quem trabalha com criança sabe, você precisa dar muito amor, isso inclui beijinhos e abraços, o tempo todo.”*

Professor P-6 *“[...]eles têm um apreço maior por aquilo que eles estão fazendo dentro de sala de aula, o estudo em si, o que facilita mais de você levar alguma coisa e eles se interessarem, por causa disso a relação com a outra fica um pouco mais debilitada.”*

**Tabela 3 – Fator bons alunos**

Professor	Bons alunos
P-1	Relação afetiva com os alunos.
P-2	Respeito ao professor.
P-3	Relação de amizade entre professor e alunos.
P-4	Interesse dos alunos pelo ensino.
P-5	Relação afeita com os alunos.

P-6	Interesse dos alunos pelo ensino.
-----	-----------------------------------

Sobre o fator *bons alunos* em todos os relatos os professores mencionaram alguma situação que mostrava uma relação positiva com alguns alunos como, por exemplo: o lado afetivo, o respeito, a vontade de aprender, do esforço, de serem amáveis, respeitosos e interessados. Esses alunos são importantes para o professor, pois demonstrando o seu interesse colaboram com seu trabalho e contribuem para a valorização do docente, além de incentivarem seus colegas de turma, contribuem para que o aprendizado se torne mais eficiente, e a relação professor-aluno torna-se mais saudável e prazerosa.

[...] a interação entre alunos e professores é capaz de fortalecer essa relação e impactar positivamente o processo de ensino-aprendizagem. A afetividade entre eles é fundamental para que os alunos consigam obter melhor desempenho escolar e os professores tem um estímulo a mais para estarem em sala de aula. (Abramovay,2006, p.101)

Sobre o fator **colaboração escola/família** nenhum dos professores relatou durante as entrevistas o interesse das famílias pela vida escolar dos alunos, ou as boas relações escola/família. Então, podemos perceber que o envolvimento da família precisa ser melhor estimulado pela escola. Sabemos que a participação da família na escola é fundamental para expandir a percepção dos docentes sobre a realidade dos alunos, mas criar mecanismos eficientes para esse diálogo é um grande desafio para a escola. O professor iniciante ao participar das reuniões escolares poderia sugerir atividades que colaborassem com a interação família/escolar.

#### 4.2. Os fatores analisados no estágio de “sobrevivência”

Sobre o fator **colocação** nenhum dos professores relatou dificuldades envolvendo o afastamento da família, residência, dificuldade de transporte e situações de isolamento.

Sobre a fator **os alunos “difíceis”**

Quando questionados sobre várias perguntas na entrevista os docentes relataram alguma situação de desconforto com os alunos

O professor P-1 “[...]tem aluno que tá lá pra não fazer nada né? E acaba querendo passar por cima de você, passar por cima da sua autoridade, então...Né que você fique brigando nem nada na sala de aula, mas ele simplesmente se levanta pega as coisas e sai assim do nada... como se você não estivesse ali.”

Professor P-2 “Depende da sala, depende dos alunos, com alguns eles são mais respeitosos, então você pede eles fazem, outros você pede eles te contestam te respondem de maneira agressiva dizendo que não vão fazer e que não querem que ninguém obriga, então com alguns alunos eu tenho muita dificuldade por que eles são muito indisciplinados e com outros eu consigo controlar.” “[...]eu imaginava que fosse um pouco mais fácil, lidar com os alunos é muito difícil, por exemplo, tem aluno que se nega a fazer a prova bimestral, como é que a gente tem que lidar? Isso eu não aprendi na graduação, então a gente tem que aprender pouco a pouco como lidar com essas situações difíceis, estressantes, então, isso é só no cotidiano mesmo.”

Professor P-3 “[...]a gente tem muito mais responsabilidade do que eu julgava, pra mim a responsabilidade era só você tá lá e ter que ensinar coisas pros alunos, né? Ser o papel de tutor, mas na verdade você tem que ser praticamente os pais daqueles alunos naquele momento, vai ter que separar briga”

Professor P-4 “Não dá para ser aquela professora amiga na escola onde eu tô por que se eu for aquela professora amiga os alunos não vão me respeitar.” “[...]eles preferem tá sem aula do que ter, essa é a realidade, é tanto que eu como professora substituta vejo muito isso, eles preferem quando não tem aula, a maioria né? a maioria prefere por que eles vão lá ficam no pátio correndo bagunçando.” “É muito legal você falar pra um aluno a gente vai fazer uma aula prática hoje sobre a água e tudo, mas quando chega na realidade eles não querem saber disso, não querem, e eles não tem vivência, é tanto que eu tava dando uma aula sobre [...] separações de misturas, aí eu fui explicar sobre a fase de floculação, aí eu citei o açude Santo Anastácio que ficava na universidade e tudo, eles não tem nem uma vivência pra saber o que é uma universidade, entendeu? Então falta muita vivência neles, então é muito difícil atingir eles, muito difícil atingir esse público, principalmente da escola pública, da particular eu não sei, eu creio que seja mais fácil.”

Professor P-6 “Você vê umas situações de indisciplina que vem muito do que eles acham que é uma forma de comportamento certo pra eles de dominar os outros alunos da sala, de ter um status de poder por causa de violência ou através de escracho mesmo, e isso é muito ruim.”

**Tabela 4 – Fator alunos difíceis**

Professor	Alunos difíceis
P-1	Falta de respeito com o professor.
P-2	Indisciplina dos alunos e comportamento agressivo.
P-3	Comportamento inadequado dos alunos.
P-4	Falta de interesse dos alunos.
P-6	Indisciplina dos alunos e mau comportamento.

Sobre o fator *alunos difíceis* a maioria dos professores relatou uma ou mais experiências de comportamento inadequado ou dificuldades de aprendizagem. Essas queixas sobre indisciplina são relatadas com muita frustração devido à falta de respeito que esses docentes sentem por parte dos alunos. A professora P-4 também falou sobre a dificuldade de aprendizado e mencionou como motivo a falta de vivência dos alunos, porém cabe ao professor adaptar o conteúdo ao contexto social do aluno. O professor P-6 acrescentou que os problemas de indisciplina são uma forma dos alunos de se impor no ambiente escolar, às vezes, repetindo uma postura social que aprendem fora da escola. Essa percepção do professor é importante, pois tentar compreender as ações dos alunos e é o início para uma relação de mais respeito mútuo.

Segundo Amado (1998 *apud* FREITAS, 2005) “a indisciplina pode constituir numa mensagem para que se altere o estado das coisas; ela é uma manifestação do contrapoder do aluno, de modo a que seja negociado, entre ele e o professor, um acordo de trabalho que dê origem a situações mais favoráveis [...]”

#### Sobre a fator **meio socioeconômico dos alunos**

Esse fator surgiu nas falas dos docentes em várias perguntas da entrevista

Professor P-1 “[...]muitos vem conversar problemas de casa aí eu vou e tenho oportunidade de dar aquele reforço, assim, daquela carência, eles são muito carentes pra falar a verdade.”

Professor P-2 “[...]se eu pudesse plantar uma semente na escola seria essa de mobilizar todos os professores, todos os coordenadores e a comunidade, a família dos alunos

*pra trabalhar essas questões familiares de convivência, de comportamento, respeito, valores por que daí dá pra gente mudar o resto.”*

Professor P-3 *“[...]a maioria dos alunos não tem a família, então é bem difícil, então não sei o que poderia pegar na escola pra poder transformar esses casos.”*

Professor P-4 *“[...]a maioria, vamos dizer, são pessoas que não estão lá pra aprender são pessoas que você vê que estão sendo jogadas pela família na escola.”*

Professor P-6 *“A escola [...] é em uma região mais difícil, região onde os alunos são de uma classe mais baixa né? Economicamente. E aí eles se comportam um pouco mais difícil por causa disso. Não é raro a gente encontrar conversas sobre facção, sobre alguém que morreu, alguém que roubou, alguém que vende droga ou até mesmo alunos que tem familiares envolvidos nesse mundo, né?”*

**Tabela 5 – Fator meio socioeconômico**

Professor	Meio socioeconômico
P-1	Carência familiar
P-2	Carência familiar
P-3	Carência familiar
P-4	Carência familiar
P-6	Questões sociais e familiares de violência

Sobre o fator *meio socioeconômico* todos os professores relataram que os alunos têm uma ausência de apoio familiar e que vivem em uma realidade social diferente dos docentes. Segundo Oliveira (2005), a educação oferecida pelos responsáveis reflete na relação dos alunos com os professores, podendo gerar atitudes indesejáveis na escola que culminam em desobediência, agressividade, falta de respeito perante os colegas, professores e outros.

Sobre o fator **vida particular** nenhum professor comentou questões envolvendo situações pessoais que estivessem prejudicando o trabalho.

#### Sobre o fator **condições de trabalho**

Esse fator surgiu nas falas dos docentes em várias perguntas da entrevista

O professor P-1 *“[...]a gente faz do nosso bolso ou só passa no quadro, por exemplo, ou então não passa nada. Eu escolhi um livro e eu copio no quadro[...]”* “Eu achava

*que o professor tava lá, e tipo assim, seria respeitado, com relação ao salário eu já sei que não seria, mas que os alunos respeitariam o professor” “à rotina na escola é muito puxada cê dá uma aula atrás da outra” “sem contar com toda a questão da estrutura né? Que a gente já sabe, num vou nem pensar nisso, nessa questão, na questão de material didático também que a escola não dispõe.”*

Professor P-2 *“[...]Eu imaginava que as condições de trabalho eram melhores, eu imaginava que eu teria mais recursos pra utiliza.” “O material didático que a escola tem é muito reduzido, os recursos são reduzidos, então, eu tenho que trabalhar com o que há que não é muito, e ou então, eu tenho que tirar do meu próprio bolso e aí já fica mais difícil pela situação econômica né?” “[...]os recursos da escola são muito limitados, você tem que pedir sempre com muita antecedência, muitas vezes eu tiro da minha própria casa. Minhas atividades, então como os recursos são limitados se baseiam a utilizar o livro didático, eu trago alguns materiais que eu tenho da época da graduação.”*

Professor P-3 *“Eu já fiz duas atividades práticas, eu já fiz uma cromatografia em papel né? Que aquela que você pega papel filtro e coloca, pinta com canetinha, coloca dentro da água e do álcool, aí a tinta da canetinha vai mostrar o espectro do que ela é feita né? E fiz outra de cultura de bactérias que aquela que usa gelatina, caldo de carne, espera uns dias pras bactérias começarem a aparecer. Aí nessas duas eu pedi o material, assim da bactéria não, eu comprei o material todinho.”*

Professor P-4 *“[...]a escola não tem muitos recursos, ainda me considero com sorte por que a escola tem um data show, só que é um data show pra uma escola de ensino infantil até o 9 ano, ou seja, pra você conseguir uma aula bota semanas, meses aí, sendo que seria muito rico você ter outras, outros modos, outros recursos pra poder dar aula, por que, por exemplo, a escola não tem laboratório, as salas são muito pequenas, muito apertadas, não tem praticamente ventilação, aí você vai levar uma coisa que é pra ser feita em laboratório pra fazer na sala de aula, muitas vezes não dá, e o risco é muito grande por que são muitos alunos e muitos são muito danados, muito inquietos, e um data show, por exemplo, outra sala, levar imagens e tudo seria muito rico pra eles, mas eu raramente consigo.”*

Professor P-5 *“[...]se pedirmos com antecedência chega o material, porém as vezes, não chega o suficiente para todas as turmas. Por exemplo, no final do ano, precisamos de EVA para confeccionar enfeites da sala, e esse EVA só chegou em fevereiro. Tivemos de comprar material do nosso bolso. A escola gosta de mostrar que fornece todo material necessário, mas não é bem assim.”*



Professor P-6 “[...]quando você tenta uma coisa diferente eles vão ficar mais empolgados, aí eles vão conversar , e aí vão falar mais alto do que eles já falam e aí quem vem pra sala é a coordenação, isso acontece em escola pequena, principalmente porque como a escola tem um espaço físico pequeno, ela vai e escuta aí chega e diz: tô escutando lá da minha sala. Tá entendendo? Aí é mais o incomodo dela. Mesmo que você avise antes, e eu avisei.

Sobre o fator *condições de trabalho* os relatos mostram que o professor iniciante encontra dificuldades para contornar as limitações materiais da escola, e acaba deixando de proporcionar aulas mais dinâmicas.

Um dos fatores que ainda impedem o docente de alterar sua Prática Pedagógica são: o horário exclusivo das aulas para atender os alunos; falta de sensibilidade da administração para mudanças por ter uma abordagem tradicional; receio de ser demitido por estabelecer uma metodologia que agita os alunos; número excessivo de alunos; falta de material de apoio; falta de tempo para aprofundamento teórico e metodológico a disponibilidade de livros didáticos, rede de computadores, recursos de multimídia. (Behrens,1996, p.198)

**Tabela 6 – Fator condições de trabalho**

Professor	Condições de trabalho
P-1	Rotina de trabalho cansativa, falta de respeito e recursos para aula.
P-2	Falta de recursos para atividades mais dinâmicas.
P-3	Falta de recursos para atividades mais dinâmicas.
P-4	Falta de recursos para aulas dinâmicas e ambiente escolar inadequado.
P-5	Falta de alguns materiais.
P-6	Dificuldade com o núcleo gestor na utilização de abordagens não tradicionais.

Sobre o fator **ausência de formação**:

Esse fator surgiu nas falas dos docentes em perguntas diferentes da entrevista

Professor P-3 “A gente se sente meio jogado né? No primeiro momento, você tá lá, é um ambiente totalmente diferente, então você só é jogado, não explicam nada pra você.”

“[...]as vezes o papel pedagógico é o menor, é muito mais ter que contornar essas situações que tem dentro da escola, dentro da sala, por que a gente também não foi treinado pra essas situações.”

Professor P-4 “[...]os professores, realmente, a gente só conversa mesmo se você for atrás, se você for perguntar alguma coisa e tudo porque eles já são muito íntimos entre si, e já tem aquela camaradagem que eu não tenho ainda com eles, e são pessoas assim de outra geração.”

**Tabela 7 – Fator ausência de formação**

Professor	Ausência de formação
P-3	Falta de apoio no primeiro momento.
P-4	Sensação de distanciamento nas relações com professores experientes devido a diferença de idade.

Sobre o fator *ausência de formação* conforme os professores P-3 e P-4 ocorreram situações em que eles não tiveram apoio profissional. Torna-se importante:

“[...] o estímulo, a discussão e a partilha dos seus erros e acertos se restringem à sala dos professores. Nesta situação, evoca a possibilidade de um professor mais experiente para auxiliá-lo. Consequentemente, a solicitação de ajuda implica a vontade de outro profissional para atendê-lo em sua prática pedagógica. O jovem docente, não encontrando eco da prática dos seus antigos professores. Este fato dificulta a transformação da ação docente em tarefa significativa e de caráter inovador. (Behrens,1996, p. 128)

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste estudo consistiu em investigar as perspectivas dos docentes em início de carreira. Nos relatos dos professores um dos fatores que interferiram mais nas ações iniciais foram os casos de indisciplina, e o comportamento de desrespeito e desinteresse por parte dos alunos. Segundo os docentes esses problemas de indisciplina estão relacionados com a situação precária do meio socioeconômico dos alunos.

Porém, pelos relatos obtidos nas entrevistas houve uma diferença em relação a resolução dos casos de indisciplina, pois os professores nas escolas públicas pesquisadas percebem que a coordenação muitas vezes não consegue resolver os casos de indisciplina, e os docentes é que precisam se adequar a situação desses alunos, o que torna o ambiente profissional bastante desgastante. Em contrapartida, na escola particular pesquisada os casos de indisciplina foram resolvidos com mais facilidade pelo núcleo gestor, o que permite um ambiente mais propício para o docente realizar suas ações.

Os professores do ensino público e particular mostraram interesse em realizar atividades mais dinâmicas, porém os professores das escolas públicas pesquisadas relataram que a falta de recursos é um fator de limitação nas suas ações, enquanto que o docente de ensino particular que participou da entrevista, relatou que o obstáculo em realizar atividades diferenciadas acontece devido a própria gestão escolar, que não é flexível quanto ao cumprimento do currículo. Além disso, apesar do empenho dos docentes em realizar aulas mais dinâmicas, os alunos muitas vezes não valorizam.

Com esse trabalho podemos perceber que apesar da matriz curricular do curso oferecer estágios supervisionados, os docentes ainda sentem muito impacto com a realidade profissional que vivenciam nas escolas, o “choque do real” citado por Huberman(1992) é algo que fica evidente nos relatos desses jovens professores. Observo que nesse momento torna-se imprescindível o apoio dos colegas de profissão, pois devido as suas experiências podem auxiliar na postura do professor iniciante.

Por fim, apesar das inúmeras dificuldades no dia a dia da profissão, os professores encontram motivação para seguir na carreira quando percebem que são importantes na formação dos alunos, e que através de suas ações podem contribuir para transformar a escola. Essa pesquisa me proporcionou conhecimentos diversos sobre o que poderei encontrar na minha futura profissão, e agora, que estou concluindo o curso, todas as experiências compartilhadas por meus colegas de profissão servirão de aprendizado e inspiração para minhas ações. As minhas perspectivas na docência são de poder contribuir na formação dos meus alunos, de ser

uma professora que percebe a realidade deles, e que persiste na docência apesar das dificuldades.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, MIRIAM; UNESCO; OBSERVATÓRIO DE VIOLÊNCIAS NAS ESCOLAS. **Cotidiano das escolas: entre violências**. Brasília, DF: Unesco, 2006. 404p.
- BEHRENS, Marilda Aparecida. **Formação continuada dos professores e a prática pedagógica**. Curitiba: Champagnat, 1996. 251 p.
- BOGDAN, Robert. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto, Portugal: Porto, 1991. 336p.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 55. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017. 143 p.
- FREITAS, M. N. C. **Organização escolar e socialização profissional de professores iniciantes**. Cad. Pesqui. [online]. 2002, n.115, pp.155-172. ISSN 0100-1574. [<http://dx.doi.org/10.1590/S0100-15742002000100006>]. Entrevista concedida a Maria Nivalda.
- FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não – cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo, Editora olho d'Água. 1997. p 84.
- GONÇALVES, J.A. A carreira das professoras do ensino primário. In: NÓVOA, A. (Org.) **Vida de professores**. Porto Editora, p 141-170, 1992.
- GUARNIERI, M. R. **Tornando-se professor: o início na carreira docente e a consolidação da profissão**. São Carlos, 1996. Tese (dout.) Centro de Educação e Ciências Humanas/Universidade Federal de São Carlos.
- HUBERMAN, M. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, A. (Org.) **Vida de professores**. Porto Editora, p. 31-62, 1992.
- LIMA, E. F.de. (Org.). **Sobrevivências no início de carreira**. Brasília: Líber Livro Editora, 2006
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 25. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012. 108 p.
- NÓVOA, Antônio. **Os professores e a sua formação**. Lisboa: D. Quixote, 1992. 158p.
- NÓVOA, Antônio (Org.). **Vidas de Professores**. 2. ed. Porto: Porto Editora, 2007. 215 p.
- OLIVEIRA, M.I. **A indisciplina escolar: determinações, consequências e ações**. Brasília: líber livro, 2005.
- TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. 325p.
- TIBA, Içami. **Disciplina, limite na medida certa**. 70. ed. São Paulo: Editora Gente, 1996.

UNESCO. **O perfil dos professores brasileiros: o que fazem, o que pensam, o que almejam....** São Paulo, SP: Moderna, 2004. 224 p. (Edições UNESCO).

## APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO



UNIVERSIDADE  
FEDERAL DO CEARÁ

**CENTRO DE CIÊNCIAS  
DEPARTAMENTO DE BIOLOGIA**

### ENTREVISTA

1. Como foi sua primeira experiência como professor em sala de aula?
2. Como é sua relação com os alunos?
3. E com seus colegas de trabalho? Como é sua relação com eles? Sente-se acolhido ou solitário?
4. Agora que é recém graduado e está atuando como é ser o responsável por uma turma?
5. Sua escola fornece material didático? Você tem liberdade de planejar suas atividades?
6. Como você idealizava à docência?
7. Desde que você começou a ensinar o que tem lhe estimulado a seguir na docência?
8. E agora o que você mudaria na escola?

## APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE  
FEDERAL DO CEARÁ

**CENTRO DE CIÊNCIAS**  
**DEPARTAMENTO DE BIOLOGIA**

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Estimado(a) professor(a), você está sendo convidado(a) pelo professor José Roberto Feitosa Silva (Departamento de Biologia da UFC), orientador do estudante **Rafaela de Sousa Liberato**, do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da UFC, a participar como voluntário(a) de uma pesquisa que resultará em um Trabalho de Conclusão de Curso da estudante. Você não deve participar contra a sua vontade.

Leia atentamente as informações abaixo e faça qualquer pergunta que desejar, para que todos os procedimentos desta pesquisa sejam esclarecidos.

Os benefícios esperados para o voluntário, bem como para a comunidade universitária, é a compreensão mais aprofundada da formação humana (universitária e artística) que envolve seus atores/autores sociais a partir da ótica dos próprios participantes.

Destacamos que você poderá, a qualquer momento, se recusar a continuar participando da pesquisa e, também poderá retirar o seu consentimento, sem que isso lhe traga qualquer prejuízo.

A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido pelo pesquisador que irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo.

Informamos que não há nenhum tipo de pagamento para a participação do voluntário.

Garantimos que as informações conseguidas através da sua participação não permitirão a identificação da sua pessoa, exceto aos responsáveis pela pesquisa, e que a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto. Atestamos o nosso compromisso como pesquisador de utilizar os dados e/ou material coletado somente para esta pesquisa.

**OBJETIVO DA PESQUISA:** O objetivo dessa pesquisa é compreender as dificuldades de um professor iniciante no seu ofício



**PROCEDIMENTOS DESENVOLVIDOS NA PESQUISA:** O procedimento da pesquisa consistirá em responder algumas perguntas relacionadas ao tema. Os resultados estarão à sua disposição quando a pesquisa for finalizada.

### INFORMAÇÕES SOBRE SIGILO E ANONIMATO

Garantimos que as informações conseguidas através da sua participação não permitirão a identificação da sua pessoa, exceto aos responsáveis pela pesquisa, e que a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto. Você não será identificado em nenhuma publicação.

Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 anos e, após esse tempo, serão destruídos. Este Termo de Consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma via será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você.

**O abaixo assinado \_\_\_\_\_, portador do RG nº \_\_\_\_\_ declara que é de livre e espontânea vontade que está participando como voluntário da pesquisa.**

Eu declaro que li cuidadosamente este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e que, após sua leitura, tive a oportunidade de fazer perguntas sobre o seu conteúdo, como também sobre a pesquisa, e recebi explicações que responderam por completo minhas dúvidas. E declaro, ainda, estar recebendo uma cópia assinada deste termo.

Fortaleza, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

Assinatura do voluntário: .....

.....

**Rafaela de Sousa Liberato**  
(Pesquisador Responsável)